

TEXTO GRÁTIS



13/09/2008

A verdade das trincheiras**Vista pelo escritor Vasily Grossman, Segunda Guerra revela o cerne do humano**

Um escritor na guerra — Vasily Grossman com o Exército Vermelho 1941-1945, editado por Antony Beevor e Luba Vinogradova. Tradução de Bruno Casotti. Editora Objetiva, 496 páginas. R\$56,90 Arthur Ituassu A guerra exerce um fascínio sobre os homens. No limite entre a vida e a morte, ou de alguma forma nela mesma, pois às vezes é preciso morrer para lutar uma guerra, quem de nós são os heróis, os covardes, os solidários, os fortes e os fracos? Lá, no campo de batalha, estão todos no seu sentido mais verdadeiro. Não à toa, escritores vão à guerra. George Orwell e Ernest Hemingway foram alguns deles. Outro, Vasily Grossman. Autor dos clássicos "Vida e destino" e "Povo imortal", Grossman é considerado um dos mais importantes escritores da literatura russa. Para o "Le Monde", "o maior romancista russo do século XX". Pois Grossman, como correspondente do "Krasnaya Zvezda" (Estrela Vermelha) — o jornal do Exército Vermelho —, esteve lado a lado com as tropas soviéticas muitas vezes na linha de frente dos conflitos contra os nazistas, na Segunda Guerra Mundial, entre agosto de 1941 e maio de 1945. Isso significa uma jornada que começa em Moscou, onde o escritor estava quando Hitler, em junho de 1941, invade a União Soviética, quebrando o pacto de não-agressão que havia feito com Stálin; passa por Stalingrado, onde testemunhou certamente um dos confrontos mais importantes da derrocada nazista; e chega até Berlim, com a tomada da capital alemã pelos aliados, não antes sem testemunhar batalhas como a de Kursk, por exemplo, e os absurdos do Holocausto. Antes de Stalingrado,

o caos no Exército russo Reunidas em livro, organizado pelo historiador britânico Anthony Beevor, suas anotações são como um "Band of Brothers" soviético. Beevor trabalhou com John Keegan e é autor dos clássicos sobre a Segunda Guerra "Stalingrado" e "Berlim 1945: A queda", ambos publicados no Brasil pela editora Record. Além da edição, o historiador, com a ajuda de sua assistente Luba Vinogradova, cuidou da tradução dos textos em russo para o inglês, na qual se baseia a edição brasileira, publicada agora pela Objetiva. O livro é dividido em cinco partes, mas pode muito bem ser percebido como uma conjunção de três momentos: antes, durante e depois de Stalingrado. Antes era o caos. "Quando a guerra explodiu, muitos altos-comandantes e generais estavam de férias. Muitas unidades blindadas estavam recebendo novos motores em seus tanques, muitas unidades de artilharia não tinham munição alguma, muitos regimentos de aviação não tinham combustível algum", escreveu Grossman, sobre a falta de comando no Exército soviético, no momento da invasão nazista. O resultado da teimosia de Stálin em acreditar que Hitler não romperia o acordo de não-agressão foi que rapidamente os comunistas se confrontaram com batalhas bem próximas a Moscou e, posteriormente, dentro de Stalingrado. Em Stalingrado, para onde Grossman foi em 23 de agosto de 1942, o escritor teve contato com uma frente de batalha das mais violentas. Quando chegou à cidade, relatou: "Stalingrado está incendiada. Eu teria que escrever demais se quisesse descrevê-la. Stalingrado está incendiada. Stalingrado está envolta em cinzas. Está morta. Pessoas estão em porões. Tudo está queimado. As paredes quentes dos prédios são como corpos de pessoas que morreram no terrível calor e ainda não esfriaram (...) O sopro da guerra entrou na cidade e a queimou". Com a capital em segurança, a batalha por Stalingrado se tornou decisiva. "Agora não há mais qualquer lugar para recuar. É uma alegria e uma dor ao mesmo tempo olhar para este mais bonito dos rios. Em todo lugar, também na margem, há trincheiras, bunkers, valas antitanque. A guerra chegou ao Volga". Um mês antes, em 28 de julho de 1942, Stálin implementara sua famosa Ordem nº 227, conhecida como "ninguém recua". Desertores agora deveriam ser executados. "Não vou escrever nada desse tipo", disse Grossman ao seu editor sobre um pedido para que algum repórter produzisse uma matéria sobre a nova lei, dentro dos limites da censura stalinista. Em Stalingrado, 13.500 pessoas foram executadas por "traição à pátria" em cinco meses de conflito. Respostas para todas

as perguntas e destinos Grossman também passou pela gigantesca Batalha de Kursk, conhecida como o maior conflito de tanques da História — e por ter produzido o dia em que o maior número de pessoas morreu em conflitos aéreos. A caminho de Berlim, se deparou com a tragédia dos massacres contra os judeus no Leste da Europa, especialmente na Ucrânia e na Polônia, chegando até ao inferno, no campo de extermínio de Treblinka, onde 800 mil pessoas foram executadas pelos nazistas. Sobre a experiência, Grossman escreveu um artigo, publicado em novembro de 1944 pelo "Krasnaya Zvezda", citado no Tribunal Militar Internacional de Nuremberg e reproduzido em "Um escritor na guerra": "A última lunática esperança de que tudo fosse apenas um pesadelo está arruinada. E os tremoços estão tilintando, tilintando, pequenas sementes estão caindo, como se o soar de incontáveis pequenos sinos estivesse vindo da terra. E a sensação é de que o coração pode parar neste momento, tomado por tanta tristeza, tanto pesar, que um ser humano simplesmente não consegue agüentar". Como afirmou o próprio Grossman a seu pai, seu desejo de estar na frente de batalha se justificava porque lá "estão as respostas para todas as perguntas e todos os destinos". Poderia ter dito mais; de forma trágica, a verdade humana se apresenta no limite da sua existência. ARTHUR ITUASSU é professor do Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio, mestre e doutor em relações internacionais pelo Instituto de Relações Internacionais (PUC-Rio)

Jornal: O GLOBO
Editoria: Prosa & Verso
Edição: 1
Coluna:
Caderno: Prosa & Verso

Autor:
Tamanho: 972 palavras
Página: 5
Seção:

© 2001 Todos os direitos reservados à Agência O Globo